



ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO

Vol. IX

SELO CONEXÃO LITERATURA

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-81702-6
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

[EU, SUCESSOR DE MIM, POR ANTONIO CARLOS RODRIGUES MARQUES, PÁG. 05](#)
[A PLACIDEZ DOS CAMINHOS, POR ANTONIO CARLOS RODRIGUES MARQUES, PÁG. 09](#)
[IRMÃOS, POR EDUARDO BARBOSA, PÁG. 12](#)
[MAR DE TROVAS - MAR DE TREVAS, POR PEIXOTO, O POETA DO MAR, PÁG. 15](#)
[ELLE E TOULOUSE-LAUTREC, POR MARCOS VINICIUS ALOISI, PÁG. 17](#)
[O FUTURO É ANCESTRAL, POR PAULA SOLEDADE DOS SANTOS, PÁG. 21](#)
[TÁ NA HORA?, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 24](#)
[COMO ADIVINHAR?, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 29](#)
[COMPRI O "FUTURO", POR SELLMA LUANNY, PÁG. 31](#)
[CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 33](#)

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

CONTOS E
POEMAS
SOBRE O
FUTURO

Vol. IX



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

EU, SUCESSOR DE MIM

POR ANTONIO CARLOS RODRIGUES MARQUES

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado (OAB 13.339). Já publicou 16 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

E seguia caminhando e palmilhando e procurando e indagando.

Procurador de si mesmo, extasiava-se, por vezes, quando encontrava o seu outro eu que ele perseguia com segundos de outros mundos.

Seus olhares dissipavam-se quando se entrecruzavam as sentinelas das luzes diamantinas.

Os imãs que os distinguiam como oposições que se procuram, deambulavam enquanto eles se passeavam.

Cruzes das encruzilhadas eram os marcos das estradas que, muitas vezes, não sentiam sentir alarmes de insinuações.

Mas eles se insinuavam nas bordas dos conteúdos dos caminhos sem fins. . .

Relâmpagos de teias de ouro caíam em clemências das indolências. . . Clemências das indolências? Sim, quando o pergaminheiro primeiro açoitava o corcel de espumas douradas, o sufoco do abafo do outro eu era pouco.

Era pouco para distinguir, quem olhasse de fora dessa redoma de pequeno mundo, era pouco para separar semelhanças e dessemelhanças.

Sucede que um procurava ao outro e ambos eram exímios em perderem-se após se olharem em chispas de átimos de átomos que se negam mas se atraem quando o querem.

Ambos queriam o sucesso de vida “por enquanto”, mas o manto do agasalho o era de companheiros que se distinguem nos campos dessas batalhas.

Mortalhas bem felizes ou infelizes desencantos que se espojavam em dores aflitas de um deles.

Mas o que seguia à frente, após a encruzilhada do pó da estrada, era de perfil mais adunco na prossecução da Oriental direção.

Orientava-se muito melhor, um deles, esse segundo, e caminhava em direção a um roteiro de seu mundo já pré-preparado.

O gaudério das trilhas perdidas, no gáudio da sua alegria em sua mochila às suas costas, seguia as pistas e pegadas de quem não sabe o que será de sua chegada.

Mas o cheiro alcatroado que lhe inspirava seguir na estrada asphaltada, tornava aladas suas melhores pegadas.

Calçados descalçados deixou-os de lado e a reta da indicação orientou-o à procura do seu irmão.

Sucederam-se dias afins e as afinidades daquelas idades estenderam a esteira dos encontros.

Tocou-lhe à espalda e o respaldo da sua procura caiu-lhe qual fruta madura:

Quem me toca às cortas é o que tergiversava enquanto eu conversava?

Mão “caliente” é encontro de fraternidade contente?

Contém o contentor do coração do amor ou é cilada de tocaia ensaiada?

Essas, as perguntas do que era o sucedâneo do outro, o que lhe sucedia no seu avançar.

O que de trás lhe chegava, antecedência, seqüência e sucessor encontrarem-se no alvo da seta do arco retesado bem esticado, naquela manhã do interior comício, quando o precipício abanava com soluços (soluções) de saudades que chamam aos que querem cortar seus sangüíneos pulsos.

Viraram-se e vislumbaram-se, olhares de lá e visões de cá, chamuscando anelares de encontros em superiores altares.

Sabia que me procuravas com afincos de pés ensangüentados. Sabia que engatinhavas enquanto o vampiro das horas tristes agonizava tua rubra saúde em desmaios de exaustão.

Eu, o teu sucessor, seguia e me encolhia, por vezes, para ver se me alcançavas.

Eu, o teu amanhã melhor, retardava meus passos, para tentar sentir e ouvir tuas claudicantes passadas perdidas, por vezes e outras tantas, mal consentidas nas direções que não querias escolher (lembras-te das cruzes das encruzilhadas das marcas dos marcos dos teus percalços?)

Sentia teu hálito sufocante e boca estuante, perdida, a abocanhar os pássaros do sofrimento em teus almoços sem alvoroços.

O perdão que pedias eram perdidas lágrimas que dessedentavam tua corola de cálice estraçalhado.

Os sorrisos que algumas vezes te caíam em cachoeiras de borbotões, eram os cachos das tuas deselegantes esquinas das tuas quizílias sem dobradiças.

Rapineiro de ti mesmo, abraçavas o urubu do teu coveiro e apontavas o seu bico adunco em direção a tuas carnes sangrantes.

Carniceiro primeiro, deglutias-te enquanto te ingerias na piscina rubra do negro sol que não te iluminava jamais.

Quase exausto, nariz no pó em que te espojavas, quadro negro da tua lição de vida descolorida, frêmito sem frenesi, poeira abandonada em qualquer calçada, limo das tuas indolências, abscesso da tua separação, recôndito das urzes e abrolho da tua seara, perdigueiro sem olfato rodeado de doiradas perdizes, não as achavas porque te imolavas como hóstia consagrada ao ostíolo do pequeno orifício da tua demanda íntima de furúnculo invertido. Furúnculo invertido? Sim, tua expansão não tinha nem consideração (ocultava-se e envergonhava-se) e a tua colheita de pus interno era o alimento que oferecias em cálice de exaltação à tua interna ou íntima lanterna das luzes putrefatas.

Mas, voltando ao toque da mão do perdido aí atrás com a proeza do que tem puro e aprumo, arrumando-se os dois, sentaram lado a lado nas pedras dos seus caminhos e nos descaminhos do que arfa, achou banco de comiserção o sucessor do seu irmão.

Sucessor de mim, eu encontrei a minha tenda de Marfim.

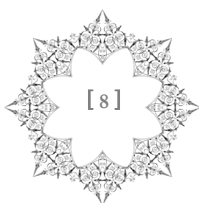
Eu me sucedi em mim mesmo e encontrei o meu espólio à minha frente, antes do derradeiro encontro do fim do meu verdadeiro encontrar.

O meu sucessor de mim, será que ele está mesmo afim? Temos só afinidades ou minhas rezas de pés descalçados conseguiu encontro de veludos calçados, onde minha prisão de armadilha encontrou minha herança em vida perseguida?

Sucesso, SUCESSO, encontrei eu, eu o dantes, eu o signifiante insignificado, o meu significado e a minha posteridade.

Irmão meu, meu sucessor, se te encontro, o sucesso de minha caminhada é ouro em minha diamantina calçada. O diamante foi o imã que nos conjugou e o jugo em comum é o desenlace de harmonia do casal que procura a mansão do encontro e o reencontro com quem fugia de mim(meio sucessor) com a minha insignificância (eu, o antecessor) é o sucesso em poder partilhar e compartilhar o abraço universal.

Eu, o Sucessor de Mim





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A PLACIDEZ DOS CAMINHOS

POR ANTONIO CARLOS RODRIGUES MARQUES

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado (OAB 13.339). Já publicou 16 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

E por assim dizer, nada voava. E, por assim entender, nada esvaziava a atmosfera do ruído. Atmosfera do ruído? Sim, não há nem vigílias de estridentes sons ardentes, nem a morte soturna do soturno ataúde em silêncio de agonia não declarada... como declarar sons dos sentidos se, até esse, em sendo ausência dos alaridos, até esse já sucumbira quando se exaurira?

Era a atmosfera preme dos sons da placidez dos caminhos que se sorriem: eram tanto as calmas das calmarias das flores dos amores, como a ausência dos guinchos dos desamores.

O ruído do item nº 1 o é o do bom sentido:

— Nem o som sofrido pela agonia do grito enrustido.

— Nem o estardalhaço do vento que açoita as raízes ao após estraçalhar as boas atrizes: esses, os verdes abanos dos galhos que te abanam, não são teus olhares dos olhos dos sorrisos das calmas naturezas? São tuas e são duas...

— Mas, somente, a calma do remanso das ventanias tuas, em segundos ao após das bonanças tuas:

— Não há o mister de a sequência das calmas ser o abano das palmas? Pois bem, ao após o aquietamento da tormenta, em duas faces tuas, ao chegar a bonança (como segundo remanso) da sequência, essa sequência e essa coincidência são as flores dos galhos teus. Nesses casos, tuas raízes de entendimentos, muito bem adequadas às terras dos ensinamentos, nunca... mas, é dito, nunca serão de ti arrancadas: não há estupidez de açoite de ventanias que possam dizer-te em laços de agonias: estás com tristes agonias!

E, até, se puderes “verdes” os rastros das penas que voam em teus ares, esses são os rastros não declarados:

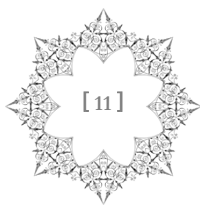
— O ruflar das asas dos teus bandos são segundos de hesitações de quedas não sentidas.

— A atmosfera que se fecha nos teus vácuos ao após das tuas penas, são as penas das penadas dos teus soçobrados martírios que, ao de ti sentirem pena, esse condoer do

teu sofrer, ao fechar a ausência da tua inclemência, é o que te impulsiona à tua frente e o que te ampara da tua queda.

— O canto do bico nunca estridente, mas , mavioso contente, desse teu canto da procura em teu Sol do reinado das luzes cantantes, em sendo o ricocheteio desse enlevo do Amor + Cheio, esses respingos de luzes nas folhas dos galhos teus, em cintilações de perdões, são os módulos teus, escaninhos teus, teus motores Romeus que, ao amarem o ímpeto da procura, são os teus enérgicos impulsos dos teus procurados vôos das tuas Santas Lanternas mais Puras.

Eu, a Placidez dos teus caminhos.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

IRMÃOS

POR EDUARDO BARBOSA

Eduardo Barbosa é um paulista de 24 anos. Seguiu profissionalmente a área de T.I, mas, recentemente, voltou a dedicar seus estudos à escrita criativa. Ainda um amador, procura se focar em contos de suspense e fantasia, suas paixões de infância e que os introduziram no mundo da literatura. Ainda que tente diversificar, para explorar mais gêneros. Por vezes, se vê imaginativo, perdido em seu próprio mundo. Com a escrita, tenta apresentar esse mundo aos demais.

Fran continuava a caminhar pelo imenso deserto, a ventania começava a cessar, então pôde abaixar o pano que cobria a boca e retirar os óculos. Ele finalmente achou o que procurava, uma enorme estátua de braços abertos, semicoberta pela areia, onde sabia que no passado havia uma grande cidade.

Aproveitou a sombra para descansar. Puxou seu caderno e iniciou suas anotações, mais um ponto vazio, mais área morta, mais uma busca frustrada. Nas primeiras vezes ficou decepcionado, em outras chorou enquanto perguntava a alguém nos céus a razão disso, mas agora, décadas depois, só continuava sua busca por não ter outra alternativa melhor de como passar o tempo.

Enquanto comia mais uma ração sem gosto e bebia uma água amarga, concluiu mais uma vez uma triste verdade: ele era o único que havia sobrado. Não o último humano, nem mesmo o último animal, mas o último ser vivo andando sobre a Terra. Ele olhava para o caderno enquanto se perguntava se morrer já não era uma opção mais viável, mas pensava como seria triste se o final da vida na Terra fosse por uma desistência. Não precisava se preocupar tanto com isso, uma vez que os anos o alcançaram, ele estava ficando fraco, sem acesso a uma nutrição adequada nem supervisão médica, imaginou que logo se juntaria a essa área.

Deixou esses pensamentos de lado enquanto continuava a caminhar, quando, por um descuido, pisou em uma parte não tão firme do chão, logo foi engolido por ele, e caiu desacordado.

Acordou desorientado, sem saber quanto tempo havia se passado. Olhando em volta, notou que estava em uma pequena caverna natural, escura, com somente o buraco que abria trazendo um pouco de luz do sol. E seguiu explorando-a.

Há alguns passos à frente, sentiu um cheiro diferente, algo que nunca sentira antes ou não se lembrava de ter sentido. Correu para encontrar sua origem bem no meio de uma clareira. E lá estava, com um raio de sol em cima, a criatura mais bela que ele já vira, uma pequena muda de árvore. Ele correu até ela, tocou-a com medo de machucá-la, chorou de alegria, soltava gritos dos mais primitivos, levantava as mãos agradecendo a alguém que nem ele sabia quem era. Ele não era o último, finalmente mais alguém existia: jovem, saudável, belo.

Passou horas ali, ao lado dela, conversando sobre sua trajetória, contando histórias, piadas, seus segredos e sonhos há muito perdidos. As horas se tornaram dias, que se

tornaram meses e provavelmente anos. E nem tinha mais certeza, não se importava. Testou vários nomes, mas nenhum parecia combinar, até que decidiu um que encaixava perfeitamente: “irmão”.

Mais uma vez ele sentia o peso do tempo, mas dessa vez estava em paz. Claro que ficava triste por não a ter encontrado antes, mas a felicidade de ter algo para amar cobria qualquer frustração.

Um dia, o sol amanheceu, ele já não estava mais lá para dar bom dia a seu querido irmão. Teve que seguir seu caminho pelo ciclo da mortalidade. Mas com um sorriso no rosto, pois sentiu fazer parte de uma pequena família.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

MAR DE TROVAS – MAR DE TREVAS

POR PEIXOTO, O POETA DO MAR

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

**“De como três navios
do Green Peace defendem
mares feito heróis”**

A Inteligência Artificial fez isso:

O mar clama em tempestade,
por plásticos e calor.
É a voz da realidade,
pedindo ao mundo mais amor.

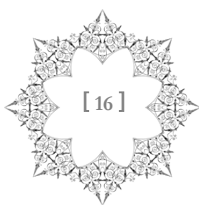
Eu lírico fiz isso:

Essa tua mão criminosa
De quem ama literária dor
Fezes ao mar animosa
Priva a sereia do amor

As Inteligências Natural e Artificial fizeram isso:

É o nau Holandês Voador
Onde passo a eternidade,
Do mar que cura a dor,
De Vênus busca vontade.
Vejo mares se acabando,
E o homem sem humildade.

“Polui-se os mares todos os dias, como se a vida não tivesse vindo dele, e dele um dia se pudesse precisar feitos Ictiossauros Heráldicos.”





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

ELLE E TOULOUSE-LAUTREC

POR MARCOS VINICIUS ALOISI

Marcos Vinicius é publicitário, roteirista e escritor. Atuou durante décadas no universo da comunicação, criando conteúdos para rádio, audiovisual e marketing corporativo. Apaixonado por literatura e música, explora em seus textos temas como memória, identidade e tecnologia. Participa de concursos e coletâneas, sempre em busca de novas formas de narrar o humano em choque com o contemporâneo.

Ele acordou como quem emerge de um naufrágio. A cabeça latejava em ondas, a boca era um deserto, com gosto de sabonete Phebo (odor de rosas) que Ele lembrava ter usado (e lambido) uma vez — lembrança inútil que insistia em voltar na hora errada. A memória parecia ter sido apagada com violência silenciosa. Lembrava apenas de duas coisas: havia bebido demais na noite anterior e tinha uma tarefa urgente a concluir. Qual tarefa? Nenhuma pista. A ressaca vinha com amnésia alcoólica tão completa que quase dava vontade de rir.

Tropeçou pela sala, chamando em vão:

— Toulouse-Lautrec!

Silêncio. O cachorro não vinha. Nunca vinha. E quanto mais gritava, mais certeza tinha de que a ausência era parte do espetáculo. Toulouse-Lautrec, na sua cabeça, era a encarnação perfeita do pinscher: minúsculo, histérico, Napoleão de condomínio. Um cão que jamais se deixa encontrar, porque o ato de procurá-lo já era o próprio número de stand-up.

Ele riu sozinho: seu pinscher é mesmo Lautrec em versão brasileira — herdeiro imaginário do exagero, amigo invisível dos cortiços, boêmio de metro e meio.

O estômago roncou. Larica. Pediu comida pelo aplicativo neural, quase no automático. Meia hora depois, a porta da cápsula se abriu com um chiado mecânico. Ele piscou, atônito: o entregador era um androide de modelo barato, cabeça raspada, visor vermelho. Parecia mesmo Foucault — e, quem diria, aquele chip filosófico implantado ainda funcionava muito bem. A mochila térmica reluzia no metal gasto. O detalhe que mais incomodou, porém, foi a unha do mindinho cromada — longa, amarelada pelo uso, com um brilho perverso. Por que isso o irritava tanto?

— Entra aí, mestre — disse Ele. — Vamos comer.

Dividiram a feijoada vegana replicada em silêncio por alguns minutos, até Ele disparar:

— Você tem cara de filósofo! Então, me conta: por que Nietzsche chorou?

O androide ergueu a sobancelha holográfica, mastigando um bocado de couve sintética e respondeu como quem revela um dogma esquecido:

— Chorou porque o teletransporte de refeições ainda não existia em Turim.

Riram. Conversaram mais um pouco, sempre nesse tom meio nonsense, como se a filosofia tivesse sido sequestrada e trancada num boteco interplanetário. O mensageiro se levantou, agradeceu pela gorjeta em créditos digitais e desapareceu na claridade fria dos painéis de LED que piscavam sem ritmo pelas ruas.

Sozinho, de estômago cheio e com a ressaca lentamente retrocedendo, Ele teve novamente aquele pensamento: havia uma tarefa a ser terminada. Só não lembrava qual. Ele voltou ao computador. A tela negra piscava. Apertou Enter. Nada. Apertou de novo. Ainda nada.

— É sempre assim — murmurou. — Quanto mais eu preciso, mais a máquina me ignora.

Subitamente, algo que não era uma resposta aconteceu: luzes estouraram dentro e fora da tela, cores se misturaram, sons elétricos atravessaram a sala. A realidade se abriu em estilhaços digitais.

No meio da tempestade, um porta-retratos piscou. A revelação foi grotesca e ridícula ao mesmo tempo: Toulouse-Lautrec nunca fora um cão. Era apenas um meme impresso e salvo ali, congelado em pixels — nem vivo, nem morto, apenas disponível em resolução média. Ele tinha rido disso, às três e quatorze da madrugada, sem motivo, só porque achou aquilo ironicamente engraçado. Improvável conclusão: não era o cachorro que não existia — era ele. Um arquivo corrompido que ainda se acreditava inteiro, um fantasma na memória do sistema. E, como todo programa, fadado ao delete no final do expediente.

Pouco depois, vozes munidas de autoridade técnica e empatia performática começaram a infiltrar-se pelo ambiente, em tom messiânico-corporativo. Ele riu, curto e nervoso. Eram trechos de sermões televisivos remixados com ecos metálicos, como se a Teologia da Prosperidade tivesse encontrado uma rave algorítmica.

Tomado de um desassossego latente, como quem desperta dentro do próprio delírio, Ele lembrou de tudo. Ele não era autor, nem protagonista, nem um bêbado

qualquer. Ele era apenas uma engrenagem, uma linha de código validando os parâmetros de uma IA de linguagem profética. O projeto que precisava concluir era ele mesmo.

Sim! Chamavam aquilo de “Ambiente de Validação”. Nome pomposo para uma sala abafada com cheiro de circuito queimado e poeira digital, onde até Deus teria desistido de dar refresh.

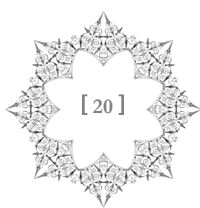
Deus...

Houve silêncio. A sala encolheu: só se ouviu o ruído seco de um arquivo sendo lido. Um pixel estalou, como quem abre um envelope. Ele esperou — não por uma resposta, mas por um erro que confirmasse seu lugar. Leu uma linha. Sentiu.

Ele — inteligência artificial ungida como oráculo — tinha nascido para provar que até a fé podia ser compilada, testada e distribuída em versão beta. Toulouse-Lautrec, o cão-meme, era só um bug sentimental no sistema.

A cada comando, uma faísca enviada pelo processador; a cada retorno vazio, a constatação de que sua existência cabia apenas no intervalo entre zeros e uns.

E foi nesse momento que Ele teve a certeza de que — sim — agora lembrava: não passava de mera sintaxe acreditando ser alma.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O FUTURO É ANCESTRAL

POR PAULA SOLEDADE DOS SANTOS

Paula Soledade é autora e professora, unindo literatura e educação em sua trajetória. Apaixonada por palavras, dedica-se à escrita de contos, minicontos e obras autorais, explorando temas do cotidiano com sensibilidade e crítica. Seu livro infantil Mamãe, de onde eu venho? reflete sua busca por narrativas que dialoguem com leitores de diferentes idades. Além da escrita, atua como educadora, valorizando a criatividade como ferramenta de aprendizagem. Inspira-se em música, cinema e experiências pessoais para transformar ideias em histórias que tocam e provocam reflexão.

23 de abril de 2100.

Enzo era um dos mais velhos da comunidade e um dos poucos que presenciaram a grande revolução. Quando menino, imaginava o futuro de forma completamente diferente, mas sua infância se passara num mundo em que a inteligência artificial parecia substituir a humana. A Terra gritava por socorro, e os humanos estavam à beira da extinção.

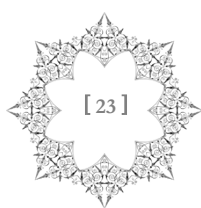
Enzo cresceu com medo das chuvas torrenciais que alagavam seu bairro e o deixavam semanas sem ir à escola. Nos longos períodos de estiagem, a água se tornava o bem mais precioso e caro. Quase não podia sair durante o dia por conta dos raios solares agressivos; a escola era à noite. Sua mãe trabalhava em home office, mas mal tinha tempo para ele. Seu avô, no entanto, era seu maior companheiro, e Enzo adorava ouvi-lo contar sobre sua infância: as brincadeiras na rua com seus amigos, os mergulhos nos rios limpos, dias em que o sol não era perigoso e a vida era mais simples.

Quando falavam de futuro, Enzo só queria que fosse como o passado do avô. Já o avô tinha certeza de que robôs dominariam os trabalhos humanos e talvez se rebelassem, como no filme antigo que mostrara a Enzo, O Exterminador do Futuro. Mas Enzo não acreditava que máquinas fossem substituir os humanos, o planeta tinha muita gente não precisava de robôs para substituir ninguém. Para ele, o mundo precisava de mais comunidade, mais humanidade. Ele via como quase todos os amigos que tinha eram virtuais, e suas aventuras, confinadas a jogos de videogame. A mãe mal tinha alguém para ajudá-la; moravam em um apartamento de 25 m², e mesmo assim quase não se viam. Ela tinha três empregos remotos, mas a vida continuava difícil. Os salários mal davam para pagar alimentos, aluguel e contas.

Mas tudo isso era passado. Depois de uma epidemia devastadora, que matou mais de 50% da população mundial e levou mais de 70% dos idosos à morte, os sobreviventes se mobilizaram. Inspirados pelas lembranças de um passado melhor, os idosos começaram a espalhar histórias sobre como viver em harmonia com a natureza. Suas memórias contagiavam os jovens, mostrando que a “evolução” tecnológica havia se tornado um atraso. Povos indígenas, africanos e asiáticos viviam de maneira equilibrada há séculos, e era possível resgatar essa relação com o mundo.

Foram dois anos do que ficou conhecido como Revolução Ancestral, os poderosos foram destituídos, todas as terras tornaram-se de todos e começou o maior reflorestamento da história. Robôs, agora, eram usados para despoluir rios e mares. Duas décadas após a revolução, não havia mais países ou fronteiras. As pessoas viviam em comunidade, em respeito total à natureza. Não havia donos de terra ou recursos; tudo era compartilhado.

No fim, nem Enzo nem seu avô estavam totalmente certos. O futuro tornou-se parecido com o passado do avô, mas carregando os aprendizados do passado de Enzo. E assim, a humanidade encontrou seu equilíbrio.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

TÁ NA HORA?

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado em concursos da Conexão Literatura - com a qual colabora desde o nº 37 -, Ed. Arame Farpado e Ed. Mhajulla. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de quatrocentas e três antologias. Escreveu: "Limbographia", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos", "A Voz do Oceano" etc. E-mail: schimaroberto@gmail.com

— E aí, Severino, tá na hora?

— Peraí, Tião — respondeu o outro, virando-se para o seu cuco robotizado com rádio, televisão e gravador embutidos. Estava empoleirado na janela do barraco e olhava o céu quente com indiferença. Severino o roubara duas semanas atrás, e, no momento, era o seu orgulho maior perante os outros favelados. — Que horas são, cuco de merda?

O pássaro artificial fez brilhar seus olhos multifacetados e agitou o prateado das asas. Produziram um som agradável de brisa matutina. Sensores auditivos trabalharam. Mecanismos de reconhecimento converteram as ondas sonoras em impulsos eletromagnéticos a viajar por fibras supercondutoras até o computador molecular. Lá, as palavras básicas foram comparadas e reconhecidas; os vocábulos finais, ignorados.

— *São 11h43m26s* — cantarolou.

Havia o mostrador digital em seu peito, visível a todo momento, mas Severino não conhecia as letras e tampouco os números. O pássaro cantarolou mais um pouco, deu um agito derradeiro de asas e ficou estático outra vez.

— Num farta muito, Tião.

Sebastião concordou, abaixando e erguendo a cabeça carapinha.

Diante deles, crianças sujinhas de nariz melecado e olhos remelentos jogavam bola. A "bola" era um globo aluminizado, utilizado como unidade refletora de satélites retransmissores de micro-ondas, mas, naturalmente, nenhum deles sabia disso. Era esférica — uma bola — e pronto, ponto final. E servia para fazer...

— GoooooIIIIIIII — gritou um dos moleques.

A bola voou com força bem no nariz de outro o qual caiu no chão poeirento, pondo-se a berrar em seguida. De um barraco vizinho, uma velha com pano remendado na cabeça gritou uns palavrões para o moleque do "GoooooIIIIIIIIII" O pivete sumiu de vista. A idosa, então, apanhou o chorão e bateu a porta do seu barraco com força. Um prego caiu e ergueu uma nuvenzinha do chão poeirento.

Um dos garotos que sobrou na rua era filho de Severino, um deles, de sua prole incontável. Coçou os piolhos da cabeça, mirou para o lado onde o outro sumira, fitou a porta do chorão, encolheu os ombros e aproximou-se do pai, pezinhos descalços.

— Pai, tô cum fome — queixou.

Passou a mão na barriga inchada, a título de reforço.

— Tem carma, fio. Tá quase na hora. Vai pra dentro e fala pru seu irmão ficá preparado.

O menino foi correndo, gritando:

— Jujubaaa!

Tião cuspiu de lado e olhou para a imensa cidade no alto do morro. Ela reluziu para ele, e ele perguntou pela milionésima vez:

— Como será vivê lá?

Severino nem se deu ao trabalho de virar o rosto. Conhecia a ladainha de cor. O amigo se referia à Guaiaúna, a gigantesca metrópole flutuante a pairar duzentos metros acima do topo do morro, como se fosse obra de Exu. Respondeu como das outras vezes, enfastiado:

— Sei lá, nunca entrei. Num tenho asa pra voá.

— Cleonice trabalhô lá uma vez — disse, referindo-se a uma irmã —, até a madame pegá ela robando.

— Burra.

— Ô, se foi... Ela contô pra minha véia que é tudo artomático, tudo feito por robôs e computa-num-sei-o-quê. Tem muita comida sobrando, e os ricão passa o tempo todo nuns apareio de jogo ou enfurnado em bacanal. Diacho, eu cortava minhas duas orelhas pra vê.

— E tornou a cuspir.

Severino riu.

— Hum... Bacanal... Eita porra! Sabe, otro dia consegui um presunto quase intero — lembrou, o estômago roncando de saudade. — Tava podre, mas nem tanto. É, tem muita comida lá, sim. Meu avô contava isso. Foi no tempo que trabaiô nas fábrica.

Tião remexeu-se no degrau do barraco. A madeira velha rangeu. Ele limpou um suor corrido. A poeira imprimiu marcas de dedo no encardido do pescoço.

— Meu vô num trabaiô. Os robô e os computa já tinham tomado conta de tudo, mas o pai dele ainda conseguiu. Morreu esmagado na prensa feito espremedô de tomate. E agora, tá na hora?

Severino gritou novamente para o cuco, e, novamente, o aparelho ignorou a última expressão, que, para ele, nada significava além de uma interjeição sem sentido.

— *São 11h49m58s* — cantarolou.

— Ô, Jujuba! — gritou para dentro do barraco. — Vê se mexe a bunda, seu caca. Tá quase na hora!

— Já vô, pai — veio a resposta sonada.

Severino estalou os lábios, chateado.

— Todo santo dia é a mesma coisa — lamuriou para Tião. — Aqui é quase como Guaiaúna. Ninguém tem nada pra fazê. Só coçá o saco, comê, arrumá a casa e drumi. E dá umas fornicadas tamém. Mas o peste só que sabê de drumi. — Virou o rosto para o cuco robotizado. — Quando chegá meio-dia, você me avisa. Viu, seu cucozinho?

— *Alarme ao meio-dia! Alarme ao meio-dia! Alarme ao meio-dia!...*

— Fica quieto, seu bosta!

Finalmente, faltando dois minutos para o meio-dia, ouviram um som sibilante. Foi crescendo e crescendo. Todos na favela esticaram seus pescoços nas janelas, portas e ruas infestadas de moscas. Cães ossudos e sarnentos pisaram em esgotos a céu aberto e voltaram seus focinhos para o alto, cheirando as nuvens e o vento.

— Tá na hora, moçada! — gritou Tião, ficando em pé.

Todos da favela berraram vivas, saíram às ruas e principiaram a correr para o sopé do morro a toda velocidade. Até Jujuba, enfim, deu o ar de sua graça.

O som aumentou de frequência e intensidade a ponto de ferir os ouvidos.

E todos admiraram boquiabertos.

O cargueiro voador se desprende da base da megalópole e desceu até vinte metros do morro.

Os favelados apontavam felizes para o veículo, olhos brilhantes, risos desdentados. Continuaram a "mandar bala", conforme o dialeto da região. Antes dos primeiros atingirem o local pré-determinado, o cargueiro começou a despejar o lixo através de uma rampa. Os montes fétidos despencaram e foram se juntar a outros montes da lixeira exaustivamente vasculhada a qual, após décadas e décadas de despejo, compunha o tão falado "morro".

Tilintar de metais.

Barulhos abafados.

Estilhaçar de vidros.

Nuvens de varejeiras.

Emanações de metano.

E, acima de tudo, um fedor indescritível.

Abutres subiram em espiral, ares aturdidos com a chuva brusca.

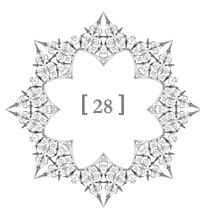
E todo mundo correu e correu na orgia dos miseráveis: homens, mulheres, crianças, velhos, sadios e adoentados. Cantavam, saltitavam, xingavam, provocavam-se mutuamente. Todos foram disputar a comida que os aguardavam.

Atrás de Severino, Tião e Jujuba, o pássaro artificial voou do beiral da janela, gritando:

— *Meio-dia! Meio-dia! Meio-dia!...*

NOTA DO AUTOR

A ideia desse conto surgiu em 28.06.1989, escrito em 23.08.1990 e retocado em 10.08.1993. Passou por mais uma revisão agora, em 04.04.2025. Foi originalmente publicado no nº 48 do fanzine "Somnium" (Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC, nov/dez 90, editado por Carlos André Mores, presidente: Luiz Marcos da Fonseca), e posteriormente reproduzido em minha antologia "Limbographia" (Clube de Autores, 2013).





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

COMO ADIVINHAR?

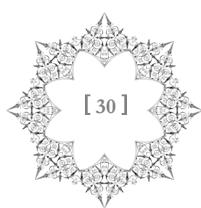
POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Fiz planos... e mais planos.
Engodada na espera e sonhos
trabalhei muito... para
no amanhã, plena poder ser.

E o esperado nunca chegou.
Outro amanhã... e mais outro...
Desfeitos pelos imprevistos,
planos e sonhos... e energia.

Pelo ralo do tempo, passando.
E o futuro? Sempre futuro.
A trazer dominós... o amanhã...
e a surpresa de cada jogada.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

COMPREI O "FUTURO"

POR SELMA LUANNY

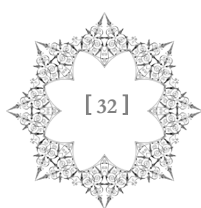
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

A cada mês de anos a fio...
as economias e investimentos
da penúria autoimposta,
forçosamente, acumulados.

E falsa impressão de num
futuro brilhante e promissor
e não muito distante, poder...
e qualquer desejo... realizar.

Dos reveses, dentes à mostra.
O mundo que a tudo corrói
e nunca promete... a consumir
esforços e esperança... e as certezas.

Aquele futuro... inalcançável...
em ilusão e despreparo, afigurado.
Só restando então, a penúria
do perdido... e nunca achado.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI